

DESAFIOS PARA SE PENSAR CIDADE, TERRITÓRIO, LUGAR. Experiência compartilhada entre Moçambique, Brasil e Portugal

Challenges to think about the city, territory, place.

Shared experience between Mozambique, Brazil and Portugal

Desafíos para pensar ciudad, territorio, lugar.

Experiencia compartida entre Mozambique, Brasil y Portugal

Murad Jorge Mussi Vaz, UTFPR, grupo DALE / UFBA, mudegas@gmail.com

Silvia Jorge, CiTUA-IST/UL, aivlisjorge@gmail.com

Daiane Bertoli, Universidade Wutivi - UniTiva, daiabertoli@gmail.com

RESUMO

São vários os desafios de quem hoje constrói, produz e reflete sobre cidades, territórios e lugares, face às diferentes intersecções, dimensões e escalas possíveis, mas também às especificidades de cada contexto histórico-geográfico. A partir de uma abordagem crítica e reflexiva, baseada no giro decolonial, e atendendo às desigualdades urbanas socioespaciais e territoriais crescentes, procuramos a partir da prática, que aqui restituímos, ultrapassar padrões impostos e recuperar saberes locais, ressaltando a dinâmica dos corpos, sujeitos e grupos, tantas vezes subjugados ao pensamento e prática dominantes do Norte Global. Três pesquisadores-docentes do Brasil, Moçambique e Portugal cruzam assim experiências acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, por forma a contribuir para a construção de outro modo de apreender e compreender as dimensões da produção espacial e territorial, tendo como enfoque a província de Maputo, sobretudo a capital, Maputo, e o distrito de Boane. Partem-se de pesquisas in loco, de oficinas de projeto (extensionistas) e de um diálogo estreito com as comunidades locais, mas também de experiências de ensino outras, para identificar e romper paradigmas e hierarquias pré-estabelecidas. As noções de cidade, território e lugar são discutidas e revistas, procurando compreender as urgências e ausências atuais, bem como outras formas de superar os processos de segregação e desigualdade.

Palavras-chave: Maputo, teoria urbana, tripé universitário, crítica decolonial.

Linha de Investigação:

B2_Os Desafios da Cidade e do Território no Século XXI: B2.2_Desigualdades urbanas e segregação socioespacial;

ABSTRACT

There are several challenges for those who today build, produce and reflect on cities, territories and places, given the different intersections, dimensions and possible scales, but also the specificities of each historical-geographical context. From a critical and reflective approach, based on the decolonial turn, and taking into account the growing urban socio-spatial and territorial inequalities, we seek to overcome imposed standards and recover local knowledge, highlighting the dynamics of bodies, subjects and groups, so often subjugated to thought and practice dominant in the Global North. Three researcher-teachers from Brazil, Mozambique and Portugal cross academic teaching, research and extension experiences in order to contribute to the construction of another way of apprehending and understanding the dimensions of spatial and territorial production, focusing on the province of Maputo, in particular the capital, Maputo, and the district of Boane. It starts from in loco research, project workshops and a close dialogue with local communities, but also from other teaching experiences, to identify and break, based on practice, pre-established paradigms and hierarchies. The notions of city, territory and place are discussed and revised, seeking to understand the current urgencies and absences, as well as other ways of overcoming the processes of segregation and inequality.

Key-words: Maputo, urban theory, university tripod, decolonial critique.

Linha de Investigação:

B2_The Challenges of the City and the Territory in the XXI Century – B2.2_Urban Inequality and Socio-Spatial Segregation;

RESUMEN

Son varios los desafíos para quienes hoy construyen, producen y reflexionan sobre ciudades, territorios y lugares, dadas las diferentes intersecciones, dimensiones y escalas posibles, pero también las especificidades de cada contexto histórico-geográfico. Desde un enfoque crítico y reflexivo, basado en el giro decolonial, y teniendo en cuenta las crecientes desigualdades socio espaciales y territoriales urbanas, buscamos superar los estándares impuestos y recuperar los saberes locales, destacando las dinámicas de cuerpos, sujetos y grupos, tantas veces subyugado al pensamiento y la práctica, dominante en el Norte-Global. Tres docentes-investigadoras de Brasil, Mozambique y Portugal cruzan experiencias académicas de docencia, investigación y extensión para contribuir a la construcción de otra forma de aprehender y comprender las dimensiones de la producción espacial y territorial, centrándose en la provincia de Maputo, en particular en la la capital, Maputo, y el distrito de Boane. Se parte de investigaciones in loco, talleres de proyectos (extensionistas) y un diálogo cercano con las comunidades locales, pero también de otras experiencias docentes, para identificar y romper, a partir de la práctica, paradigmas y jerarquías preestablecidas. Se discuten y revisan las nociones de ciudad, territorio y lugar, buscando comprender las urgencias y ausencias actuales, así como otras formas de superación de los procesos de segregación y desigualdad.

Palabras clave: Maputo, teoría urbana, trípode universitario, crítica decolonial.

Linha de Investigação:

B2_Los Retos de la Ciudad y el Territorio en el Siglo XXI – B2.2_Desigualdad Urbana y Segregación Socio-espacial;

1. Introdução

Quais são os desafios enfrentados por quem constrói cidades, territórios e lugares, tendo em conta o variado espectro contemplado desde a dimensão do corpo até a produção de aporte teórico e projetual? Esta questão constitui-se sobre uma série de intersecções, dimensões e escalas, a partir de uma abordagem crítica e reflexiva ao nível da produção do espaço – nas suas variadas acepções – onde se interconectam, intercalam e sobrepõem vários contextos e relações simbólicas, culturais, ambientais, sociais, econômicas e de poder. Neste sentido, ao pensarmos sobre o tema das desigualdades urbanas e segregações socioespaciais e territoriais, levantamos duas constatações: (1) a primeira, em âmbito escalar, de que há desdobramentos nas dimensões dos territórios, do urbano e dos lugares, para as quais urge relocalizar as intersecções com o rural e formas de espacialização, que foram sendo invisibilizadas e/ou subalternizadas (como quilombos, aldeias, ocupações, entre outros); (2) a segunda, vinculada à primeira, de que, na conjuntura e nos contextos locais, há particularidades histórico-geográficas, socioculturais e espaciais obliteradas por relações de colonialidade, que precisam ser consideradas e trazidas ao centro do debate, sendo urgente também as discussões sobre o racismo estrutural e as relações de patriarcado que se consolidam no espaço. Contudo, tanto nos campos da teoria, da história e da concepção espacial e projetual, quanto no ensino e na prática da arquitetura e do urbanismo, persistem referências norte-centradas e ocidentalizadas, distintas e distantes das especificidades de cada contexto histórico-geográfico, reforçando processos estruturais de segregação e desigualdades urbanas de diversas ordens.

“O campo disciplinar da arquitetura e urbanismo, afinal, se apresenta como um ramo das ciências sociais aplicadas, o que deveria nos deixar alertas sobre suas possibilidades de apresentar-se como braço interventor e legitimador de práxis perpetuadoras do eurocentrismo e da colonialidade do poder.” (Moassab, Name, 2020, p.14).

Neste sentido, de acordo com Farrés Delgado e Matarán Ruiz (2014), urge se proceder a uma revisão profunda das teorias urbanas que reiteram e reproduzem as hierarquizações das diversas dimensões, oriundas de múltiplas estruturas e processos de colonialidade.

Face a este panorama, três pesquisadores-docentes de contextos diferentes – Brasil, Moçambique e Portugal – têm procurado, a partir do cruzamento de experiências acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão, ultrapassar padrões impostos, recuperar a concepção e o saber fazer locais e ressaltar a dinâmica dos corpos, dos sujeitos e dos grupos, muitas vezes subjugados ao pensamento e prática dominantes. Seguindo uma abordagem baseada também em autores e autoras do giro decolonial em torno da produção do conhecimento arquitetônico-urbanístico e daquele impresso ao planejamento territorial, pretende-se contribuir para a construção de um outro modo de apreender e compreender as múltiplas dimensões da produção espacial e territorial, tendo como ponto de partida a Província de Maputo, sobretudo a cidade de Maputo e o distrito de

Boane. A capital moçambicana e o território envolvente contemplam múltiplas formas de produção de saberes e práticas socioespaciais que importa considerar e integrar nesta construção em curso: indo além das concepções tecnocráticas, abstratas e ortogonais do século XIX e início do XX, expressas nos planos urbanos portugueses, concebidos na sua origem para assinalar e delimitar diversidades territoriais, étnicas e raciais, e considerando a dinamicidade, pluralidade e diversidade das práticas sociais e espaciais cada vez mais consolidadas após a independência do país em 1975 (Vaz et al, 2021; Jorge, 2017). Observa-se a formação de uma cidade plural, mas simbolicamente marcada pelos resquícios do período colonial. Ao mesmo tempo, nas áreas de expansão e na periferia, o imaginário planificado, ainda carregado do poder simbólico acadêmico que tende à desvalorização do vernáculo, influencia e é influenciado pelas práticas locais, sendo ainda agravado pelo acesso desigual aos escassos recursos disponíveis. O choque entre o desenho urbano “formalizado” e a efervescência da cotidianidade, é atravessado por um movimento contínuo de construção e reconstrução através de formas simbólicas e culturais muitas vezes de gêneses não urbanas e não monetarizadas, que lutam e se conformam, mas também resistem aos avanços das relações capitalizadas e estabelecidas noutras esferas não institucionais ou instituídas. Nesse movimento contínuo de produção do espaço e dos saberes a ele vinculado, temos buscado contribuir para uma transversalização, não só de referências acadêmicas, mas e, sobretudo, de trocas interpessoais entre comunidade, pesquisadores, professores e estudantes de contextos distintos, com o conhecimento voltado para uma revalorização e resignificação da pluralidade dos saberes e das formas de conceber, produzir e vivenciar o espaço¹.

Do ponto de vista metodológico, parte-se de pesquisas *in loco*, em diálogo com as comunidades locais, cruzando diferentes campos disciplinares, por forma a romper paradigmas e hierarquias pré-estabelecidas e enraizadas no binômio modernidade-colonialidade, na senda de Farrés Delgado e Matarán Ruiz (2014). Desde 2019, têm sido desenvolvidas ações universitárias integradas, onde a análise destes territórios e lugares é apoiada na realização de oficinas de projeto (extensionistas) que integram estudantes de diferentes instituições, pesquisadores e professores de diversas origens e a comunidade, com o propósito de refletir e projetar a partir do contexto real e das necessidades da população, das suas vivências e práticas espaciais, bem como de suas restrições. A dimensão do ensino também é explorada, colocando-se em contato docentes e discentes de instituições de ensino dos três países envolvidos e convidados em debates através da formação de grupos de estudo, da promoção de palestras e discussões e, até mesmo, de componentes curriculares.

Os resultados são múltiplos e em constante aprimoramento, corroborando para que conceitos e noções de cidades, lugares e territórios, vinculados ao Sul Global, sejam constantemente discutidos e revistos. A partir destes múltiplos exercícios de reflexão e do saber local, refazem-se os vínculos e compreendem-se as urgências, ausências e emergências das cidades e do urbano, outras formas de enfrentar a segregação e as desigualdades, em direção à “diversidade epistemológica do mundo” preconizada por Boaventura de Sousa Santos (2007, p.85).

2. Tramas entre a(s) teoria(s) e a(s) prática(s)

A partir das múltiplas dimensões formativas acadêmicas, resgatamos a capacidade da dimensão do ensino em gerar autonomia², ainda não explorada pelos processos formais através dos quais os estudantes de arquitetura e urbanismo/planeamento físico têm sido submetidos na generalidade das escolas. Essa assertiva dialoga diretamente com as duas dimensões discutidas na introdução deste artigo, tanto em âmbito escalar, quanto dos variados contextos. Para avançarmos em investigações sobre cidades, territórios e lugares é fundamental enfrentarmos, a partir da academia, múltiplas barreiras que se interpõem entre a(s) teoria(s) e a(s) prática(s). Enfatizamos aqui o plural em teoria e prática, pois consideramos que falar no singular pode restringir as suas variadas significações. Olhemos para as duas imagens (fig 01 e fig 02), que concernem ao bairro de Maxaquene A, em Maputo.

¹ Para aprofundamento, recomendamos o artigo *Maputo: citizenship, everyday life and public space* (Vaz et al, 2021).

² Para aprofundamento recomendamos a leitura da obra “A Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire (2006).

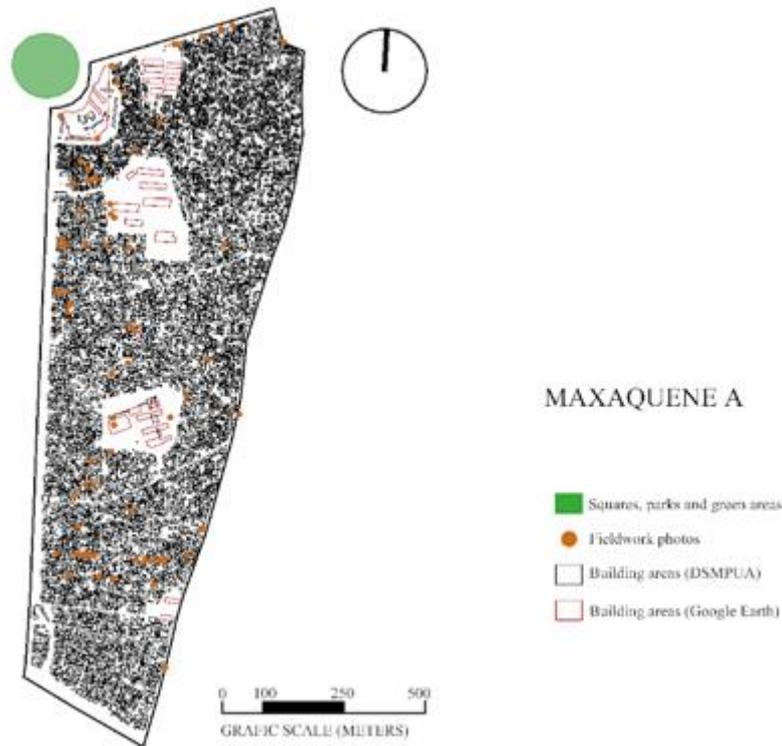


Figura 01. Bairro de Maxaquene A, Maputo. Fonte: Vaz et al, 2021.



Figura 02. Venda informal no espaço público, Maputo. Fonte: Vaz, 2018.

A imbricada trama de ruas, espaços públicos e perímetros não ortogonais dos lotes (chamados talhões), quando observada a partir da dimensão da representação gráfica (figura 01), não permite a compreensão das apropriações sociais e espaciais que dão sentido à vida cotidiana (figura 02). No entanto, para além dessa não compreensão, ou compreensão parcial e limitada a partir de determinados referenciais, quando vamos para campo com estudantes, independentemente da geografia, percebemos noções homogeneizadas de

cidade e lugares, pelos preceitos acadêmicos balizados pelos referenciais teóricos, que indicam, em muitos casos, formas ideais de desenho urbano, representação e ocupação dos lotes. Neste sentido, de acordo com Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1980) temos que tensionar a noção de “realidade” sobre a qual nos apoiamos: “Quanto mais inventávamos sofisticadas maquinações sobre o espaço, a economia e os comportamentos sociais, mais éramos superados pelos processos do dia-a-dia individual e coletivo dos moradores” (Santos, 1980: 43). O bairro em questão, desenvolveu-se a partir da Estrada da Circunvalação (atual Avenida Marien Ngouabi), que no período colonial traçava o limite da chamada cidade “formal”, de traçado ortogonal e com investimentos infraestruturais. Nela residiam os colonos portugueses e estrangeiros, mas só poderia circular a população autóctone desde que formalmente documentada. Às margens desta cidade, desenvolveram-se bairros e diversas formas de ocupações, com uma morfologia resultante de tradições vernaculares mescladas a práticas socioespaciais locais, somadas à desigual distribuição de recursos e rendas (ver figura 03). Essa estrutura de bairros sofreu um “boom” demográfico nos pós independência e, atualmente, constitui-se num espaço densamente ocupado, com múltiplos territórios, lugares e redes de apropriações cotidianas, que incluem práticas rurais de subsistência, como as machambas (hortas), cultivadas em espaços ociosos da cidade (figura 04) ou no interior dos talhões³.



Fig 03. Delimitação da Estrada da Circunvalação (em vermelho), Maputo. Fonte: VAZ et al, 2021.



Fig 04. Machamba num espaço ocioso, a beira da estrada. Maputo. Fonte: Vaz, 2018.

³ Há uma série de trabalhos que se debruçam sobre a ocupação urbana em Maputo, entre outros, citamos: Vaz et al, 2021; Jorge, 2017.

Neste sentido, o reconhecimento das múltiplas dimensões da vida urbana, de suas cristalizações espaciais e das desigualdades e segregações, vivenciadas e expressas no território, requer uma exploração de novos métodos de pesquisa e novas abordagens de formação, direcionadas para a arquitetura e urbanismo, bem como um ajuste das bases teóricas sobre as quais nos temos debruçado. Elencamos três possibilidades de pensarmos estratégias outras para estudar as noções de cidade, território e lugar, nomeadamente: (1) ir além do rigor da representação gráfica, bastante específica e incapaz de dialogar com sujeitos e outras formas de projetar (Carrillo, 2019), assentes sobre uma visão espacial bastante abstrata; (2) superar uma história e uma teoria da arquitetura baseadas nos cânones europeus, que tendem a universalizar e centralizar a história europeia como discurso hegemônico geral (sobre o discurso hegemônico ver: Dussel, 2005; sobre o ensino de arquitetura e urbanismo a partir desse discurso hegemônico: ver Lima, 2020; Moassab e Name, 2020); e (3) procurar ultrapassar os padrões hegemônicos, nos quais os programas arquitetônicos ainda se apoiam, quer nas escolhas por técnicas e materiais construtivos, quer no saber fazer e na prática projetual⁴.

A partir das três constatações acima, temos trabalhado em várias propostas acadêmicas que buscam cruzar referências entre nossos contextos, aproximando e permitindo o diálogo entre acadêmicos moçambicanos, brasileiros e portugueses. Num primeiro momento, temos considerado fundamental buscar outras abordagens para debater noções e conceitos chave, tanto nos campos do urbanismo/planificação territorial, quanto da arquitetura. Assim sendo, foi criado um grupo de estudos, vinculado ao projeto de extensão *Arquitetura e cidades: da prática ao debate*⁵, que tem permitido discutir questões centrais para a formação de arquitetas e arquitetos e urbanistas críticos. Entre os temas debatidos, desde 2021, citamos os seguintes textos: (1) "O Perigo de uma História Única", de Chimamanda Adichie (2019); (2) "Hacia una teoria urbana transmoderna y decolonial", de Yáser F. Delgado e Alberto M. Ruiz (2014); (3) "Epistemologias do Sul", de Boaventura de Sousa Santos (2007); (3) "Ideias para adiar o final do mundo", de Ailton Krenak (2019); (4) "A reprodução da cidade conservadora: Relação entre ensino e mercado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo", de Alice Matos de Pina, Cláudio Rezende Ribeiro e Vítor Halfen (2020); (5) "Ensino de Arquitetura e Urbanismo - discurso, prática projetual e gênero", de Ana Gabriela Godinho Lima (2020); (6) "Movimentos por justiça versus senso comum ambiental: a degradação ambiental não é democrática", de Henry Acselrad (2009); e (7) "As questões étnico-raciais no contexto da segregação socioespacial na produção do espaço urbano brasileiro: Algumas considerações teórico metodológicas", de Andreilino de Oliveira Campos (2012).

Esse conjunto de textos discute e coloca em causa uma série de cânones implementados nas escolas de arquitetura e urbanismo do chamado Sul Global, contribuindo para o rompimento de uma pretensa hegemonia assente simultaneamente no binômio modernidade-colonialidade e no patriarcado.

"Em pleno século XXI, as representações da cidade e da arquitetura continuam operando em acordo com a racionalidade colonial e colonizadora da modernidade, baseada em critérios hegemônicos de saber e de desenvolvimento. A Arquitetura e o Urbanismo, áreas do conhecimento na interface entre cultura e ciência, sob os auspícios da modernidade, têm sido instrumentalizados como vetores de imposição dos valores simbólicos dominantes".(Moassab, Berth, 2020:163)

Os debates, a princípio conduzidos mensalmente, com estudantes brasileiros e moçambicanos, extrapolam as barreiras do grupo em si, e são transversais às disciplinas de projeto arquitetônico e urbano, culminando numa postura ética e profissional mais consciente dos limites impostos, mas também das possibilidades das insurgências e das emergências. Indo além, as reflexões têm ocasionado reflexões sobre conceitos geralmente abstratos, como cidade, espaço, território, lugar. Urge ampliar os debates, contemplando abordagens outras que permitam compreender espacializações e territórios muitas vezes caracterizados como "informais", que constituem múltiplas formas e práticas espaciais, invisibilizando grupos e formas de existência. Os apontamentos de Fernando Lara, concatenam alguns dos apontamentos que trouxemos e nos levam a refletir sobre os processos de subalternização e dominação que subjazem à nossa formação socioespacial:

"Nossas cidades são desenhadas para excluir e para esquecer. Quando falo sobre isso, falo destas duas tragédias. Criamos um urbanismo excludente e predatório que utiliza a informalidade, a precarização do trabalho e a repressão policial para manter uma distância física e simbólica entre os donos da terra e os que aqui trabalham desde sempre. É importante lembrar que as sociedades pré-

⁴ Para aprofundamento em diversos tópicos que trazemos aqui indicamos, entre outras, a leitura da obra "Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo" organizado por Andreia Moassab e Leo Name (2020).

⁵ Os debates iniciaram-se ainda quando um dos autores estava vinculado à UFFS mas, a partir de 2021, se dá no âmbito da UTFPR. Atualmente, além da sede do projeto na UTFPR, a UniTiva-Moçambique atua como universidade parceira, além da UFFS, da UFSC e da UNILA.

colombianas não eram nenhuma utopia, em nada diferentes do resto do planeta. E aqui reside o problema central da colonização, este lado escuro da modernização como bem nos lembra o antropólogo colombiano Arturo Escobar (2011): a ideia de que uma civilização vale mais que as outras e, portanto, tem o direito de controlar seus territórios e seus corpos. Os males da contemporaneidade: sexismo, racismo, neoliberalismo e extremismo religioso têm em comum esta mesma ideia de controle de um grupo por outro.” (Lara, 2020, p.09)

Para além de buscar ampliar a aproximação às dimensões constitutivas do território, as ações extensionistas permitem um amadurecimento da universidade a partir das trocas de experiências com outras formas de produção e transmissão de saber e conhecimento, sobretudo quando abrimos o olhar não só para a chamada cidade formal, mas sobretudo para territórios periféricos, que possuem uma diversidade de práticas socioespaciais e formas de ser urbano distintas. É fundamental retomarmos aqui as discussões de Paulo Freire sobre o caráter da extensão como possibilidade de a academia aprender conjuntamente, mais do que simplesmente estender seus conhecimentos (Freire, 2013). A partir deste contacto entre a academia e a sociedade, corroboramos a assertiva de Carlos Nelson dos Santos de que é necessário ajustar o foco para que possamos observar múltiplas dimensões e intersecções em práticas espaciais ainda não reconhecidas pela academia:

“Fui descobrindo que havia muitas diferenças dentro do que, simplisticamente, designava por um só nome. Era como se estivesse ajustando o foco de uma câmara e começando a distinguir detalhes no que, visto à distância, podia ser descrito como o recurso de uma só cor, a uma só forma e a uma só textura.” (Santos, 1980, p. 42).

Entre as oficinas⁶ de extensão já realizadas, destacamos a iniciada em 2019, em Moçambique, e que se desdobrou para formato on-line, em 2020. Trata-se da criação de um espaço para acolhimento da nova sede da associação Hakumana⁷, entidade que atende crianças e adultos, em vulnerabilidade social. Entre os diversos enfrentamentos propostos, desde a localização, em área rural, às múltiplas formas e usos dados aos espaços, consideraram-se as práticas sociais, espaciais, culturais e simbólicas locais, bem como os desafios econômicos e tecnológicos em presença. Apesar de ter tido como produto um projeto arquitetônico, o trabalho compartilhado entre academia e sociedade, bem como as visitas *in loco* (figuras 05 e 06), com debates constantes, permitiram que a noção de lugar fosse trabalhada efetivamente, concatenando os múltiplos significados trazidos pelos utentes e pela associação. Indo além, território também foi uma noção aplicada localmente, somando as percepções entre a área do projeto e suas interfaces, levantando questões vinculadas às desigualdades socioespaciais. Destarte, essas atividades, em suas múltiplas dimensões, tem nos permitido criar tramas entre a(s) teoria(s) e a(s) prática(s) rumo a possibilidades de tanto repensar a teoria, quanto as práticas metodológicas e a própria atuação de arquitetos, arquitetas e urbanistas.

⁶ O projeto em questão foi realizado no âmbito da UFFS, na qual seu coordenador atuou até 2021 (desde então atuando na UTFPR). Entre os parceiros, ressaltamos a Universidade Wutivi - UniTiva e o centro Hakumana, que organizaram e sediaram o evento; os Arquitectos sin Fronteras; a Faculdade de Arquitetura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane; e uma pesquisadora da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, à época, hoje integrada no Centro para a Inovação em Território, Urbanismo e Arquitetura, do Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa.

⁷ Para mais, buscar: <https://centrohakumana.wixsite.com/hakumana>.



Fig 05. Conversa com a comunidade. Fonte:Acervo do projeto.



Fig 06. Trabalho em Ateliê, com a participação de estudantes, professores e membros da comunidade. Fonte: Acervo do projeto.

3. Reflexões conclusivas

O conjunto de atividades aqui descritas, que contempla parte das ações já implementadas e em curso, retrata um entrelaçamento entre teoria e prática, que se constituem simultaneamente. Tanto as práticas, quanto os debates, têm permitido vínculos diretos com o campo de ação, nomeadamente um enfrentamento real das escolas por problemas efetivos, tanto a nível epistemológico, cruzando a segregação e as desigualdades socioespaciais com questões de gênero e estruturas de racismo, sob as múltiplas denominações da colonialidade, quanto de adversidades reconhecidas em campo. Temos utilizado uma abordagem em aberto, na qual cada nova descoberta, no âmbito da pesquisa, permite que outros encaminhamentos e métodos sejam propostos. Destarte, a problemática não é somente teórico-epistemológica, mas também metodológica. Como refere Carlos Nelson dos Santos: “Éramos os consolidadores de utopias que não sabiam enfrentar as práticas mais elementares do campo de ação que pretendiam empolgar e orientar” (Santos, 1980: 38).

Neste sentido, ainda que não haja uma única resposta para a questão inaugural do artigo, as múltiplas respostas aos desafios enfrentados por quem constrói cidades, territórios e lugares, perfazem o caminho de

aprender com as emergências e com as insurgências, na dinâmica do cotidiano, e, entre muitas outras possibilidades, de reconhecer os limites dos aportes teórico conceituais e metodológicos experienciados. Portanto, como vimos demonstrando nas experiências aqui narradas, a partir de uma abordagem crítica e reflexiva ao nível da produção do espaço – nas suas variadas acepções –, há uma série de intersecções, dimensões e escalas, onde se interconectam, intercalam e sobrepõem vários contextos e relações simbólicas, culturais, ambientais, sociais, econômicas e de poder. Assim, cabe reforçar a necessidade intrínseca de uma estreita relação entre ensino, pesquisa e extensão, fundadas a partir de novas práticas e metodologias em duplo sentido: da academia com a sociedade e da sociedade com a academia.

Referências

- Acselrad, H. (2009). Movimentos por justiça versus senso comum ambiental: a degradação ambiental não é democrática. In: H. Acselrad. *O que é justiça ambiental* (11-45). Rio de Janeiro: Garamond.
- Berth, J; Moassab, A. (2020). O ensino de Arquitetura e a dupla invisibilidade das arquitetas negras. In.: A. Moassab e L. Name. *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo* (162-179). Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Campos, A. O (2012). As questões étnico-raciais no contexto da segregação sócio-espacial na produção do espaço urbano brasileiro: algumas considerações teórico-metodológicas. In: R. E. Santos (org.). *Questões urbanas e racismo* (68-103). Petrópolis: DP et Alli; Brasília.
- Carrillo, O. F. (2019). Desenhando com o subalterno. *Revista Epistemologias do Sul*. 3(1). Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2452>
- Chimamanda, A. (2019). *O Perigo de uma História Única*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dussel, E (2005). *Europa, modernidade e Eurocentrismo*. In.: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel.pdf.
- Pina, A. M.; Ribeiro, C. R.; Halfe, V. (2020). A reprodução da cidade conservadora: relações entre ensino e mercado nos cursos de Arquitetura e Urbanismo. In.: A. Moassab e L. Name. *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo* (115-131). Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Farrés Delgado, Y.; Matarán Ruiz, A. (2014). “Hacia una teoría urbana transmoderna y decolonial: una introducción”. 13(37), 339-361.
- Freire, P. (2013). *Extensão ou comunicação?* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2006). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Jorge, S. (2017). *Lugares Interditos. Os bairros pericentrais autoproduzidos de Maputo*. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa. Tese de Doutorado.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Editora SCHWARCZ S.A..
- Lara, F. (2020). Prefácio: por uma teoria da arquitetura decolonizada. In.: A. Moassab e L. Name. *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo* (7-12). Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Lima, A. (2020). Ensino de Arquitetura e Urbanismo: discurso, prática projetual e gênero. A. Moassab e L. Name. *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo* (180-196). Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Moassab, A.; Name, L. (2020). Apresentação. In.: A. Moassab, Andreia e L. Name. *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo* (13-27). Foz do Iguaçu: EDUNILA.
- Vaz, M. J. M. V.; Silva, C. F.; Bertoli, D.; Reche, D. (2021). Maputo: citizenship, everyday life, and public space. *African Geographical Review*. 40(3), 249-273.
- Santos, B. S. (2007). Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, 79, 71-94.
- Santos, C. N. F. dos (1980). Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?. In: G. Velho (org) (37-57). Rio de Janeiro: Editora Campus.